



UGLIARA, Milene Valentir. Coletivo Mapa Xilográfico: intervenções na metrópole paulistana. Cidade de São Paulo: Unesp – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Mestranda com orientação de Carminda Mendes André; bolsa Capes. Performer e educadora.

RESUMO

Este trabalho irá tratar das experiências e intervenções artísticas do coletivo Mapa Xilográfico no que se relaciona à ação diante de uma crítica à urbanização da cidade de São Paulo.

O coletivo atua artisticamente, desde 2006 até os dias de hoje, na metrópole paulistana no intuito de experimentar com seus habitantes-praticantes uma relação de vivência, encontros, criações e a possibilidade de apropriação do fazer-pensar o espaço vivido. O grupo vai de bairro a bairro criando coletivos fluidos com os moradores de cada local no propósito de ativar a relação história-memória-experiência no lugar habitado.

Neste trabalho serão trazidas as intervenções urbanas criadas pelo coletivo em cada lugar de suas trajetórias e serão analisadas as relações das mesmas com uma crítica e interpretação levantada junto aos próprios moradores acerca do espaço urbano. Entre os temas mais relevantes já elencados estão a perda dos espaços de encontro, o espaço público regido pelo setor privado e a ação coletiva como forma de resistência e reinvenção do espaço.

Para aproximar essa comunicação à experiência vivida serão trazidas as imagens das ações, os relatos dos participantes e suas reflexões sobre o vivido.

Palavras –chave: intervenção urbana, urbanização, memória, coletividade.

ABSTRACT

This paper will tell the experiences and the collective artistic interventions about the Mapa Xilográfico group as it relates to the action about a critical urbanization of the city of São Paulo.

The collective works artistically, from 2006 until the present day, in the metropole of São Paulo in order to experiment with its inhabitants - practitioners, experience a relationship, dating, creations and the possibility of appropriation of thinking-doing the living space. The group goes from neighborhood to neighborhood creating a fluid collective with the residents of each locality in order to activate the relationship history-memory-experience in the place inhabited.

This work will be brought urban interventions created by the collective in each place of their careers and will be analyzing the relationship among them with a critical interpretation and raised along with the residents about urban space.

Among the most relevant are listed as the loss of meeting spaces, public space governed by the private sector and collective action as a form of resistance and reinvention of space.

To bring this communication to experience will be brought images of the shares, the accounts of participants and their reflections on the lived.

Keywords: Urban intervention, urbanization, memory, collectivity.

A noção de público e privado já parecem ser divisões normais da organização espacial dentro de uma cidade - uma configuração não muito comunitária das formações sociais. No entanto, nas últimas décadas, têm-se observado a ampliação da confusão entre esses âmbitos, percebe-se uma crescente invasão do privado no público.

No espaço dito público já existe uma grande diferenciação a ser feita: nem todo espaço público é realmente público, pode ser somente estatal. O que lhe concede essa condição é o fim último a quem ele se destina. Muitas vezes o espaço dito público é regido por normas que não são feitas pelas ou para as pessoas que delas usufruem. Mais do que isso, existe também uma crescente interferência dos interesses especulativos do poder privado nos diversos espaços da cidade – especulação imobiliária e parcerias público-privada nas reformas urbanas – que tem gerado diversos conflitos e modificações na malha da cidade, moldada no entendimento do lugar e do “mobiliário urbano” como mercadoria potencialmente lucrativa. Geralmente o patrimônio imaterial dos bairros, como as pessoas e seus costumes, memórias, vínculos comunitários e afetivos com o local não são consideradas nessas relações. A consequência é bastante conhecida: encarecimento dos locais de interesse especulativo e migrações das populações mais pobres para as periferias, ou melhor, outras centralidades. Interesses financeiros, vão, portanto, modelando a cidade e interferindo substancialmente na noção pública do espaço. Um dos maiores ônus desses agenciamentos é a perda gradual por parte da população de seu potencial participativo e transformador do espaço que habita; sua relação com o local e com seus laços de pertencimento vão ficando mais frágeis e flutuantes, assim como sua atuação na construção do espaço. É arquitetada uma cidade estrangeira a seus moradores com modelos que atendem padrões internacionais.

Os urbanistas devem escutar os moradores, estar abertos à sua memória, que é a memória de cada rua e de cada bairro. Recuperar a dimensão humana do espaço é um problema político dos mais urgentes. A sobrevivência de um grupo liga-se estreitamente à morfologia da cidade; esta ligação se desarticula quando a especulação urbana causa um grau intolerável de desenraizamento. (BOSI, 2004: 76)

A intervenção urbana como prática artística pode ser um caminho para a resistência cotidiana. Seu potencial de interferência na ordem vigente de fluxo e funcionamento dos espaços pode servir como um campo coletivo de criação de dissonâncias, de comunicação com os que habitam determinado lugar, de pautar discussões abafadas pela mídia oficial, de criação de simbologias

próprias e, além disso, da percepção da potência coletiva em ações que toquem a realidade espaço-temporal. *“A cidade deixa de ser um simples cenário no momento em que ela é vivida, experimentada. Ela, a partir do momento em que é praticada, ganha corpo, se torna “outro corpo”.* (JACQUES, 2006:124).

Desde 2006 um Coletivo chamado Mapa Xilográfico¹, atua na cidade de São Paulo² e outras localidades no intuito de aprofundar ações e críticas em torno das questões de urbanização da cidade e os usos de seus espaços. Em sua prática, o Coletivo se aventura em imergir em um bairro ou região por determinado tempo, coabitando com seus moradores no intuito de aproximar-se a seu cotidiano e criar vínculos relacionais. Depois de certa permeabilidade no local é proposto aos moradores que sejam companheiros de uma vivência onde eles serão cocriadores de uma obra a ser feita no e para o local em questão. Aos pouco se cria uma rede, um coletivo fluido, que se agrega no interesse de trocas horizontais acerca das interpretações e usos do espaço vivido, a produção artística coletiva e a criação de um documentário sobre a experiência desse encontro.

Temas como memória e pertencimento do lugar, história não oficial, trocas de saberes, coeducação, coletivos fluidos e intergeracionais, diluição da relação artista público e a poetização do cotidiano estão presentes nas ações em cada bairro visitado.

A produção coletiva acontece desde a captura das imagens do documentário, passando pela pesquisa, a criação e execução das intervenções urbanas até a produção dos textos para a publicação que acompanha o DVD do documentário. Essa publicação funciona como um retorno aos moradores de todo o trabalho empenhado no processo criativo, um registro dos acontecimentos, que retorna ao bairro, aos moradores, espaços culturais e escolas, que podem fazer uso do material das mais diferentes formas.

A intervenção urbana nesse processo acontece em dois momentos distintos na execução de um trabalho em cada bairro. Um deles é a criação de intervenções no bairro a partir das histórias e interpretações de seus moradores – um momento pontual e objetivo que acontece em determinado lugar. Outro momento em que a intervenção urbana acontece é na execução

¹ Coletivo do qual faço parte, composto também por Diogo Rios, sociólogo, e Tábata Costa, artista visual, e, mais indiretamente, porém com constantes participações, por Natália Obeid, bióloga e Rosana Cognolato, geógrafa.

² De 2006 a 2007, durante o início da proposta, atuou-se em alguns bairros de São Paulo e outras cidades como Cunha - SP, Diadema, Vitória - ES, Havana - Cuba e Buenos Aires - Argentina em ações independentes numa proposta voltada muito mais para o mapeamento das árvores e derivas, e menos focada na ação cultural na comunidade. A partir de 2008, a proposta se voltou à ação coletiva com moradores dos bairros paulistanos Pompéia, Pirituba e Jaraguá; em 2009, foi realizado no bairro do Bixiga / Bela Vista; em 2010 no bairro da Cidade Dutra, Zona Sul de São Paulo e no bairro do Ibirapuera. Em 2011 o coletivo atua em um projeto intitulado À deriva metrópole São Paulo, desenvolvendo um trabalho nos quatro extremos da cidade e na região central.

do projeto como um todo no seu tempo estendido, pois quando o Coletivo adentra uma região, interfere nos seus fluxos, cria novos agenciamentos com seus habitantes-transeuntes e com eles outras formas de ação e atuação começam a serem traçadas – uma intervenção em larga escala.

Uma das intervenções pontuais realizada pelo Coletivo foi “o barco”³. A ação foi planejada junto a moradores de bairros do Jardim Pantanal, zona Leste de São Paulo, que sofrem enchentes⁴ periódicas, pois moram nas várzeas do rio Tietê. O barco sobre rodas foi construído a partir de objetos encontrados em ferros-velhos no bairro. A ação consistiu em tráfegar com o barco pelas ruas, dentro dele os tripulantes podiam ouvir relatos dos moradores em fones de ouvidos. O barco “atracava” em alguns pontos para alguns moradores embarcarem e contarem pessoalmente sua história.

A intervenção do barco em si mesma já continha sua potência poética de acontecimento. No entanto, as ações se desdobraram e ramificaram como numa grande rede, pois os moradores que contaram sua história ao vivo no barco aos “tripulantes” foram os mesmos que participaram do documentário e que depois ajudaram a projetar o vídeo nas ruas do bairro. Em ações, funções e criações múltiplas de cada participante é criada uma rede complexa e potente capaz de mergulhar criativamente na trama urbana, interferindo em seus traçados. No trabalho como um todo, as experiências, criações e poetizações, além de proporem uma reconfiguração, mesmo que momentânea, dos espaços e das relações, abrem caminho para a percepção da potência criadora e transgressora de um indivíduo ou grupo na construção de seu espaço cotidiano.

Bibliografia

ANDRÉ, Carminda Mendes. *O Teatro Pós-dramático na Escola (inventando espaços: estudos sobre as condições do ensino do teatro em sala de aula)*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ARANTES, Otilia, Ermínia Maricato, Carlos Vainer. *A Cidade do pensamento único: Desmanchando consensos*. 3ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEY, Hakim. *TAZ: Zona Autônoma Temporária*. Trad.: Renato Rezende. São Paulo: Conrad do Brasil, 2004.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Trad. Claudia Sant’anna Martins. São Paulo: Ed. Brasiliense. 2ª Edição, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 3. Trad. Aurélio Guerra, et al. São Paulo: Ed. 34, 1996.

³ Ação que integrou o projeto (À) Deriva: Metrópole São Paulo 2011 – Prêmio Funarte Artes Cênicas nas ruas.

⁴ Existe inclusive a acusação por parte dos moradores que as enchentes foram agravadas por ações da Prefeitura, pela abertura de comportas que desviariam as enchentes de outras regiões para lá no intuito de expulsar os moradores da região. Tal acusação está ligada ao fato dos bairros situarem-se próximos ao Aeroporto de Guarulhos, passagem importante para turistas que virão para a Copa de 2014.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *O mito da cidade-global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis, R.J.: Vozes; São Paulo, SP: Unesp, Salvador, BA: Anpur, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein; JEUDY, Henri Pierre (org.). *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein (org.). *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

MESQUITA, André. *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva*. São Paulo: Anablume, Fapesp, 2011.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VANEIGEM, Raoul. *A arte de viver para as novas gerações*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil (Coleção Baderna), 2002.

Artigos:

FIX, Mariana. *A “fórmula mágica” da parceria público-privada: Operações Urbanas em São Paulo*.

FIX, Mariana; ARANTES, Pedro. *São Paulo: MetrÓpole ornitorrinco*. Artigo publicado no jornal Correio da cidadania, Ed. 383, 2004.

SANTOS, Milton. *Elogio da lentidão*. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

Revistas:

Redobra nº 9 – Produção do grupo Laborat´roio urbano – Salvador 2012

COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO. Mapa Xilográfico Bela Vista/Bixiga. Revista. São Paulo: Programa VAI, 2009.

COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO. Mapa Xilográfico Cidade Dutra. Revista. São Paulo: Programa VAI, 2010.

COLETIVO MAPA XILOGRÁFICO. (À) Deriva MetrÓpole São Paulo. Revista. São Paulo: Minc- Funarte, 2011.